

Composições para o público infantil e a formação do leitor: análise comparativa entre a obra *Sagatrisuinorana* e a versão do conto *Os três porquinhos* proposta pelo Programa Conta pra mim

Mikaela Pereira da Silva*

Resumo

Este artigo analisa comparativamente dois objetos: a obra *Sagatrisuinorana* (2021), escrita por João Luiz Guimarães e ilustrada por Nelson Cruz, e o Programa *Conta pra mim* – especialmente a versão ali inscrita do conto *Os três porquinhos* –, parte da política governamental de alfabetização, promovido pela gestão federal dos anos 2019 a 2022 e em continuidade no governo que inicia sua atuação em 2023. Ambas serão consideradas quanto a seu papel na promoção da formação leitora, como elementos passíveis de análise e seleção do professor. Com relação a *Sagatrisuinorana* (2021), nos debruçaremos sobre a materialidade que a distingue como um reconto em que estão intrincados linguagem verbal e não verbal (a ponto de serem indissociáveis as funções de escritor e ilustrador) para o que contribuem os elementos basais: i. o diálogo entre a trama e sua ilustração, atrelado a uma reconfiguração de um evento da realidade: os trágicos e criminosos atos das mineradoras nas cidades de Mariana e Brumadinho, localizadas no Estado de Minas Gerais; ii. a intertextualidade, também em diálogo com a ilustração, em especial com a composição tradicional *Os três porquinhos* e o corpus de obras de João Guimarães Rosa, a exemplo dos contos *Fita Verde no Cabelo* (2008), *Sagarana* (2001), *A terceira margem do rio* (2017), e o romance *Grande Sertão: Veredas* (2021). Com relação ao *Conta pra mim*, trataremos mais especificamente das ilustrações presentes na elaboração do conto tradicional *Os três porquinhos*, pondo em questão as estratégias de sua composição, construídas por um viés que mais cerceia que promove a formação leitora.

Palavras-chave: *Sagatrisuinorana*; Conta pra Mim; literatura; literatura infantil; ilustração.

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras em Literaturas de Língua Portuguesa da PUC Minas. Bolsista CAPES II. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-6433-0460>

Compositions for children and reader development: a comparative analysis of *Sagatrisuinorana* and the *The Three Little Pigs* version by the *Conta pra Mim* Program

Abstract

This article provides a comparative analysis of two objects: the novel *Sagatrisuinorana* (2021), written by João Luiz Guimarães and illustrated by Nelson Cruz, and the *Conta pra mim* Program, specifically focusing on its rendition of the story *The Three Little Pigs*. The latter constitutes a component of the government's literacy initiative, which was promoted by the federal administration from 2019 to 2022 and is sustained by the current government, which commenced its term in 2023. Both objects will be examined in terms of their role in fostering reading development, serving as evaluative resources for educators. With regard to *Sagatrisuinorana* (2021), our focus lies on the materiality that distinguishes it as a retelling in which verbal and non-verbal language are intertwined, blurring the distinction between the roles of writer and illustrator. Several key elements contribute to this phenomenon: i. the dialogue between the plot and its illustrations, which reconfigure real events, notably the tragic and criminal actions of mining companies in the cities of Mariana and Brumadinho, situated in the state of Minas Gerais; ii. intertextuality, particularly evident in the dialogue with the illustrations, drawing from traditional compositions like *The Three Little Pigs* and the work of João Guimarães Rosa, such as the short stories *Fita Verde no Cabelo* (2008), *Sagarana* (2001), *A Terceira Margem do Rio* (2017), and the novel *Grande Sertão: Veredas* (2021). With regards to *Conta pra Mim*, we will specifically address the illustrations found in the development of the traditional tale *The Three Little Pigs*, questioning the strategies of its composition, which are biased towards limiting rather than promoting reading development.

Keywords: *Sagatrisuinorana*; *Conta pra mim*; literature; children's literature; illustration.

Considerações iniciais

Este estudo se propõe a comparar duas produções direcionadas ao público infantil, refletindo sobre elas como objetos que se propõem a contribuir para a formação leitora: a primeira, *Sagatrissuinorana* (2021), obra de João Luiz Guimarães e Nelson Cruz, publicada pela ÔZé Editora, vencedora do Prêmio Jabuti de 2021, na categoria infantil, e melhor livro do ano. Inspirando-se na linguagem de Guimarães Rosa, os autores compõem uma releitura do conto tradicional *Os três porquinhos*, associando-o à tragédia-crime promovida mineradoras em Minas Gerais; a segunda é a versão do conto *Os três porquinhos*, em edição veiculada pelo MEC, conforme o programa *Conta pra mim*, inserido no Plano Nacional de Alfabetização. De acordo com o site oficial do programa, o seu objetivo é promover a “Literacia Familiar”, ou seja, visa orientar e dar orientações de leitura, interação e conversa com as crianças, além de propor a estimulação de quatro habilidades: ouvir, falar, ler e escrever. Tomando essas habilidades como norte principal, o *Conta pra Mim* tem em seu catálogo materiais tais como contos, fábulas, poesias e biografias, além de cantigas, áudios com narração e fábulas contadas pelo compositor e intérprete Toquinho.

Sendo assim, ambas as produções se pautam no conto popular do século X, de autoria desconhecida, recontado pelos Irmãos Grimm, século XVII, divulgado pela narração do australiano Joseph Jacobs, século XVIII, versão difundida amplamente sob várias adaptações. A história de Jacobs narra a vida de três porquinhos que decidiram sair da casa da mãe e construir suas próprias casas — uma de palha, outra de madeira e a última de tijolos. Um lobo persegue dois primeiros porquinhos, derruba suas casas e os devora. O terceiro, porém, utilizando-se da esperteza, consegue se desvencilhar, criando uma armadilha para cozinhar e comer o lobo ao final. Em versões mais amenas, o primeiro morador foge de sua casa, indo para a do segundo irmão; novamente o lobo os intimida, o que os faz escapar e chegar à casa do terceiro irmão que, mais esperto, articula um plano para se livrarem do algoz, provocando a sua fuga ou sua morte.

A comparação a que nos propomos entre *Sagatrissuinorana* (2021) e a versão constante no programa *Conta pra Mim* parte dos personagens comuns às duas produções — Os três Porquinhos e o Lobo — bem como do

cenário em que vivem, pautando a construção estética das obras, de forma a compreender como os sentidos que produzem afetam a formação leitora. Conforme tentaremos demonstrar, enquanto *Sagatrissuinorana* (2021), demonstra cuidado ao elaborar o livro, levando em consideração a formação do arquivo literário e do pensamento crítico do leitor, possibilitando-lhe confrontar tanto a realidade quanto a interação entre textos por meio de estranhamentos estéticos, a versão de *Os três porquinhos* produzida e veiculada pelo programa *Conta pra Mim* recorta algo da temática e do enredo, desconsiderando elementos essenciais da constituição do conto tradicional, comprometendo a formação leitora. Na análise, tomamos como pontos comparativos a construção dos personagens, do enredo e o repertório sociocultural utilizado para a elaboração das obras. O paralelo justifica-se porque elucida questões importantes para a formação leitora – a circulação de cada uma das construções, a intencionalidade e sua correlação com elementos estéticos e os efeitos que promovem sobre um leitor especial, aquele que está em formação.

Sagatrissuinorana (2021) reconta “*Os três porquinhos*” ajustada a uma metáfora do contexto em que tem se dado o rompimento de barragens de mineração, evento recorrente, inclusive em nível catastrófico, marcadamente em Minas Gerais. Assim como na obra original, *Os três Porquinhos* também constroem suas casas de palha, madeira e tijolos, porém, ao final da narrativa, a perspectiva se transforma, e o “mar” de lama gerado pelo rompimento da barragem, além de trazer mudanças trágicas para a paisagem, assola todos os personagens. Por meio da obra, os autores prestam homenagem a todas as vítimas dessas tragédias-crimes.

A obra é também uma homenagem a João Guimarães Rosa, o que se verifica pelas referências a obras do autor mineiro na composição da trama. Sua organização se pauta, então, em uma tríade intertextual: o factual colapso de barragens de mineração, o conto tradicional e a obra de Guimarães Rosa, algo sugerido pelo radical ‘tri’ presente no título. A ilustração é fator fundamental na construção da obra, um livro ilustrado, constituindo-se como uma narrativa própria e em diálogo com a trama verbal.

A versão composta pelo programa *Conta pra Mim* faz parte do rol de versões cujo enredo é menos aterrorizador: há a presença da mãe conselheira (que fizessem suas casas com zelo), dois filhotes porquinhos mais jovens desobedientes e preguiçosos (constroem suas casas com

material que daria menos trabalho, palha e madeira, perto do lago e da montanha, de forma que pudessem se divertir), um mais velho obediente e trabalhador (optou por se utilizar de pedras e fazer a construção junto às árvores, para se proteger), o lobo cai na esperta armadilha do terceiro porquinho e é castigado. A moral da história – é preciso obedecer aos conselhos da mãe – encerra o conto.

A construção imagética acompanha o enredo, sem constituir-se como produção própria, não potencializando a interação entre o significado da imagem e significado do texto.

Essa breve exposição inicial das duas obras anuncia o que se desenvolverá ao longo deste estudo comparativo entre a obra de João Luiz Guimarães e Nelson Cruz, *Os três Porquinhos*, versão proposta pelo programa *Conta pra Mim*, idealizado pelo Ministério da Educação. Enquanto o *Conta pra Mim* apresenta fábulas tradicionais com histórias encurtadas, enquadradas em um formato “de pouca elaboração estética, com predomínio de um coloquialismo empobrecido no registro da linguagem” (Cosson, 2022, p.25) e ainda ilustradas precariamente, *Sagatrissuinorana* (2021) se desenvolve esteticamente por meio de constituintes verbais que remetem à linguagem roseana e por meio de ilustrações inusitadas, ambos estranhamentos que indivisam a factualidade dos crimes das mineradoras e o conjunto ficcional, postos em intrínseco diálogo.

A produção de sentidos entre os dois objetos de estudo caminha em direção oposta: *Sagatrissuinorana* (2021) sensibiliza o leitor, carregando-o de medo, apreensão e tristeza, em uma trilha fomentada por rico jogo de estranhamentos verbais e visuais; *Conta pra Mim* descarrega o leitor de sensações, comprometendo a formação leitora porque nega o contato com aqueles recursos.

Especialmente quanto ao papel da suma importância das ilustrações nesse processo formativo, consideramos o pensamento de Celia Abicalil Belmiro e Milene Chalfum, para quem “o acesso à leitura da imagem como uma linguagem ativa e com capacidade criadora é um convite ao leitor para um envolvimento diferenciado com o livro de imagens” (Belmiro; Chalfum, 2020, p. 71). Um livro que apresenta imagens em que a criança consiga se envolver, estimula cognitivamente a sua imaginação e possibilita a ela criar seus próprios personagens quando os livros não apresentarem

figuras, processo corroborado pelo pensamento de Inês Aparecida Mobrince, quando ela afirma que

Os livros sem texto, cheios de ilustrações, estimulam a imaginação da criança, permitindo que ela mesma faça uso do “verbo”, oralizando as muitas possibilidades que as ilustrações permitem. O contato com ilustrações são sobretudo “experiências de olhar”, de “ver” diferenciado, conforme a percepção que a criança tem no mundo. (Mobrince, 1990, p. 45).

Assim, enquanto *Sagatrissuinorana* (2021) assume a perspectiva defendida por Mobrince e permite que o leitor faça uma imersão na história também através das imagens, as ilustrações das fábulas do programa *Conta pra Mim* – ainda que apresentem cores fortes e chamativas – não contribuem efetivamente para o estímulo da criança. A exemplo, imagens de personagens são mal elaboradas e traços se reproduzem nas narrativas, com adaptações nos modelos das roupas e cor dos cabelos, sem expressividade facial ou gestual, características que possibilitem, portanto, a diferenciação dos personagens das histórias. Isso desestimula a experiência leitora, impede a imaginação e a reprodução de forma lúdica das diversas formas de contar e recontar a história através das imagens.

Essas reflexões iniciais indicam que, neste estudo, tomamos a concepção de leitura como atividade de produção de sentido em correlação, portanto, com a de leitor como aquele que é construtor de sentido, utilizando-se de conhecimentos que lhe permitam captar as alusões que são fomentadas pelo texto com que lida. Trata-se, conforme nos elucidam Koch e Elias (2006), de compreender a leitura como “uma atividade baseada na interação autor-texto-leitor”, em que

“se, por um lado, nesse processo, necessário se faz considerar a materialidade linguística do texto, elemento sobre o qual e a partir do qual se constitui a interação, por outro lado, é preciso levar em conta os conhecimentos do leitor, condição fundamental para o estabelecimento da interação, com maior ou menor intensidade, durabilidade, qualidade” (Koch e Elias, 2006, p.19).

Considerando que a leitura pressupõe a ativação de conhecimentos de ordem linguística, textual, de mundo, de genericidade, de esquemas

cognitivos, do fomento de bagagem cultural, entre outros, é fundamental, para o leitor em formação, que é o leitor infantil, que a obra lhe seja, em alguma medida, palatável, de forma que tenha acesso aos significados passíveis de decodificação, sempre processualmente. Para isso, é fundamental o papel do professor, um mediador que providencia que a percepção das iscas que o texto oferece, conforme sua contextualização, seus procedimentos estéticos, suas alusões.

Com esse norte, passaremos a tratar de elementos fundamentais para a promoção da leitura como atividade de interação autor-texto-leitor. Trataremos dos recursos de construção do processo intertextual na obra *Sagatrissuinorana* (2021), considerando o conto tradicional *Os três Porquinhos*, do australiano Joseph Jacob (2010), os contos *Sagarana* (2017), *Fita Verde no cabelo* (2008), bem como o romance *Grande Sertão: Veredas* (2021), de Guimarães Rosa. A partir desse *corpus*, discutiremos a importância da relação entre a linguagem verbal e a imagética que se processa na obra infantojuvenil.

Em seguida nos dedicaremos às reflexões acerca da fábula “*Os três Porquinhos*”, versão do programa *Conta pra Mim*, especialmente da ilustração. Por fim, a conclusão, em que elucidaremos a comparação, considerando o condicionamento de ambos os materiais à formação do leitor.

Sagatrissuinorana: uma obra, entrecruzamentos de três textos e um convite ao trabalho de formação do leitor

Os elementos verbais e imagéticos do livro *Sagatrissuinorana* (2021) formam uma construção que remete a obras de Guimarães Rosa e ao conto *Os três Porquinhos*. Por meio da reconstrução da fábula, desse diálogo com o escritor mineiro e das ilustrações, a obra promove discussões sobre acontecimentos graves para o estado de Minas Gerais, o Brasil e todo o planeta: os rompimentos das barragens de mineração de Mariana e Brumadinho, que acarretaram centenas de mortes humanas e de animais e a destruição de duas bacias hidrográficas, do Rio Doce e Rio Paraopeba. Assim, a trama denuncia esteticamente crimes ambientais e promove consciência política a respeito das ações vorazes das mineradoras, partícipes do sistema

capitalista, fazendo cumprir a função de resistência da literatura não só pelo tema que discute, mas principalmente pela forma como o faz. Constitui-se dessa forma como material estético e ético, adequada, portanto, à formação leitora e ainda objeto de discussão sobre o fazer literário, pois o traçado de sua composição é um convite à percepção de sua metalinguagem.

A análise que aqui se propõe sobre a construção estética da obra permite inferir que ela se direciona a variadas faixas etárias, haja vista a gama de estratégias que orienta para níveis de leitura conforme o perfil do leitor, e assim promover liberdade aos professores para elaborarem projetos de ensino e aprendizagem que sejam trabalhados desde o Fundamental I até o Ensino Médio.

A intertextualidade presente na obra de João Luiz Guimarães e Nelson Cruz ocorre, entre outras formas, através de palavras e expressões que remetem a obras de Guimarães Rosa. Dessa forma, o leitor modelo da narrativa *Sagatrissuitorana* (2021) precisa ser leitor roseano, chave que: lhe permite que ele aceite o convite que lhe é feito esteticamente e adentrar na obra; estimula-o a lembrar, a retomar o autor mineiro; facilita que mergulhe em uma nova leitura. Ora, esse leitor modelo é formado processualmente, para o que contribui o professor que é, afinal, “o principal mediador da leitura” (Cosson, 2020, p.12). Sendo assim, também o professor precisa ser um leitor modelo, com a especificidade de saber lidar metalinguisticamente com o discurso literário, para, assim, ensinar modos de acesso aos sentidos permitidos pelo engendramento da trama. Nesse percurso de ensino e aprendizagem, é necessário, então, percorrer pequenas trilhas metalinguísticas e assim compreender estratégias estéticas que desvendem camadas de leitura, nas quais, especialmente na obra em estudo, se associam palavra e imagem.

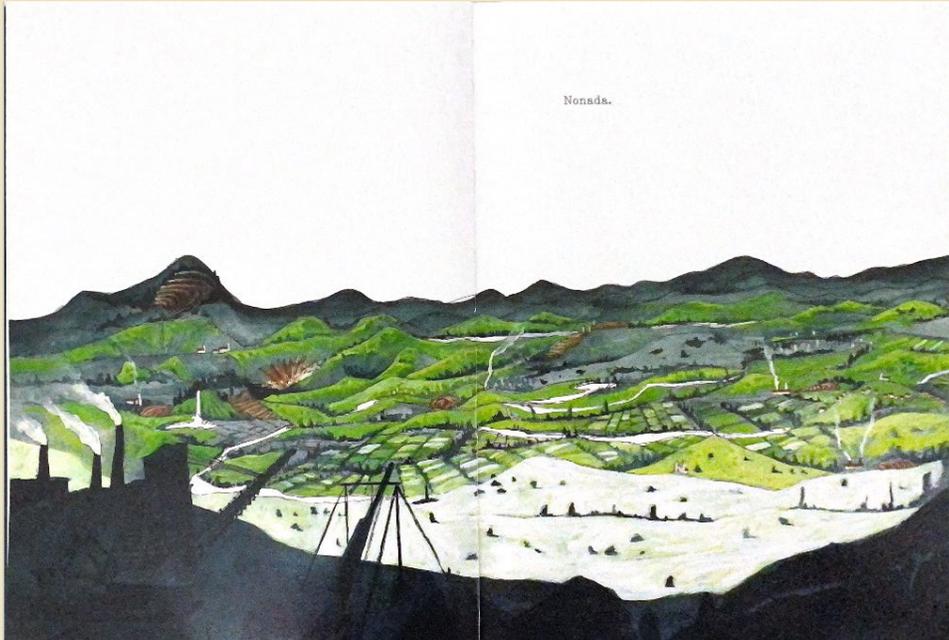
Sagatrissuitorana (2021) delinea esse caminho desde o título, cuja composição é provocativa e estimula a leitura do conto. A compreensão do ineditismo da expressão solicita sua separação em morfemas. Segundo Kiyomura, ao analisar a palavra ‘sagarana’, título de um conto de Rosa, temos **saga**, radical de origem germânica que significa conto heróico ou lenda, e **rana**, sufixo de origem tupi, “o que exprime semelhança” (Kiyomura, (2018, p.439). Logo, Sagarana significa “próximo de uma saga”. Fazendo o mesmo processo com *Sagatrissuitorana*(2021), verifica-se o acréscimo do radical latino **tri** (três) e do vocábulo **suíno** (porco), resultando em

uma primeira interpretação, “saga semelhante à dos três porcos”, que, associada à trama, permite a inferência “saga semelhante à história dos três porquinhos”. Isso porque a trama se entrecruza com o enredo do conto tradicional: o conjunto de personagens é composto de três porquinhos que são ameaçados por um lobo, o que faz com que busquem socorro entre si, de casa a casa onde habitam. Ocorre que o título exige outros passos para outros níveis de leitura. Então outra perspectiva surge, determinada pela associação entre a trama e a tragédia-crime que ocorreu nas cidades de Mariana e Brumadinho, quando as barragens das mineradoras colapsaram. Essa segunda ideia tem fonte a partir das seguintes páginas iniciais: “Fatos que ouvi não foram de fato. Ou quase” (Guimarães; Cruz, 2021). Por fim, a partir do título, adicionado às duas frases e ao todo da obra, apresenta-se a tríade de sentidos: uma saga semelhante ao enredo do conto tradicional; a saga ‘real’ provocada pelas empresas de mineração; a saga que recobre as duas sagas, fazendo uma tríade de semelhanças. Sendo assim, ao assemelhar, a obra diferencia, singulariza, porque, partindo de um real, “desvenda um mundo mais real do que aquele que pretendia dizer” (Perrone-Moisés, 1990, p.102), pois o reconto estético da história popular junto à história factual resulta na compreensão da implacabilidade das mineradoras e do capitalismo.

Dando continuidade à análise do processo intertextual, encontramos um uso e uma colocação: já na primeira página de *Sagatrissuinorana* (2021), assim como se dá na obra *Grande sertão: Veredas* (2021), está registrada a palavra “Nonada”. No romance, é uso do protagonista e narrador Riobaldo. Seu significado é “não é nada”, algo que “estaria, numa imitação da Criação, sendo criado *ex-nihilo*”, segundo “O léxico de Guimarães Rosa” (Martins, 2001, p.354). Trata-se, portanto, de uma referência bíblica, ‘no princípio era o nada’. Porém, na obra de João Luiz Guimarães e Nelson Cruz, a palavra vem associada à imagem. Na mesma primeira página, (Figura 1), encontramos um cenário que recobre uma página dupla (toda a obra se estrutura dessa forma, promovendo uma leitura horizontal ampliada) e que se compõe de duas partes acopladas: uma, dominante, um local campestre, claro, em que prevalece um tom verdejante, mas entremeado de detalhes estranhos à natureza, estes em tom amarronzado, talvez, a princípio, ininteligíveis, e que vão tomando corpo ao longo das páginas seguintes; outra, escurecida, exige olhar atento para a percepção de que se compõe da imagem de máquinas pesadas e que se direcionam para o campo. Trata-se

de uma paisagem antitética tanto pelos tons — claro/verde e escuro/preto — quanto pelo conteúdo — natureza e maquinário. A predominância do primeiro segmento e a quase ocultação do segundo promovem a sensação de que o campo não tem fim, assim como a paisagem roseana: “os gerais correm em volta. Esses gerais são sem tamanho” (Rosa, 2021, p.13).

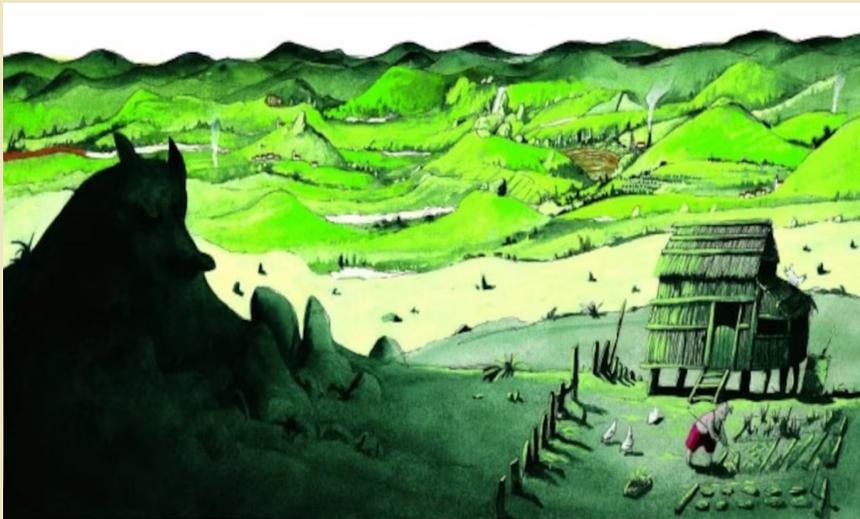
Figura 1: Primeira imagem da paisagem do livro *Sagatrissuinorana*



Fonte: Guimarães; Cruz (2021).

Essa sensação de amplitude dada por meio da profundidade dos traços dos desenhos e do convite à ultrapassagem do limiar das páginas é ilusória (o que anunciam os detalhes inusuais em meio ao verde). O cenário vai sofrendo alterações conforme o andamento da trama do início até o final, (Figura 2), quando as máquinas vão se encorpendo, a mineração vai invadindo todo o espaço, até que todos os personagens são tomados pelo mar de lama que também parece não terminar nunca no campo visual. Dessa junção palavra e imagem infere-se novo revestimento para a expressão ‘nonada’, qual seja, há um princípio contrário à criação, uma destruição se anuncia, um nada.

Figura 2: Terceira ilustração do livro *Sagatrissuinorana*



Fonte: Guimarães; Cruz (2021).

Passemos a outro diálogo, desta vez em relação a *Fita Verde no Cabelo*¹(2008). O narrador de *Sagatrissuinorana* (2021) descreve os personagens em suas ações: são “porcos que porcavam”, uma clara alusão à descrição dos personagens de Rosa nesse conto: “velhos e velhas que velhavam” e “lenhadores que por lá lenhavam” (Rosa, 2008, p.5). Em ambas as obras, os personagens cumprem suas funções, sem questionamentos, sem reflexão; não se dão conta do perigo que os cerca. Fita-Verde, a protagonista, não percebe a morte à espreita, inevitável em última instância dentro do processo natural da existência, porque é “a que por enquanto” (Rosa, 2008, p.5) é inocente, não tem juízo, ou seja, ainda não viveu experiências que a fizessem sentir a mão da morte. Ao vivê-las, vai adquirir juízo suficientemente e se porá como todos os outros, a *velhar e lenhar* — precavidamente passará a não correr riscos. Seu inimigo, seu antagonista, seu lobo, é a morte inevitável, parte do ciclo natural da existência, então compreendida. Por sua vez, os porcos de *Sagatrissuinorana* (2021) não percebem a morte, talvez porque ela seja uma morte antecipada de sua última instância, uma que não faz parte do ciclo da vida, provocada precocemente pela ação humana, especificamente pelas mineradoras e o capitalismo. Trata-se de uma inversão do conto roseano,

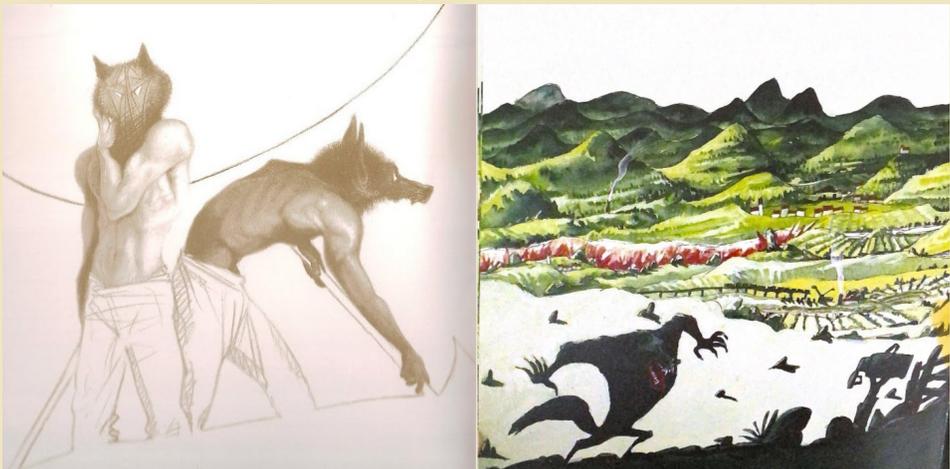
¹ Interessante a este estudo a publicação feita pela editora Nova Fronteira, pois a ilustração que a compõe será objeto de reflexão.

com a sinalização mais para a apatia, a ignorância de todos os personagens, que, como veremos a seguir, se igualar-se-ão em sua falta de consciência ante os processos econômicos e políticos destruidores que cercam seu cotidiano de miudezas: o antagonista tradicional, o mal metaforizado em lobo, será destronado; o protagonista, o bem metaforizado em porquinhos, será levado à insignificância.

Para a composição desse processo de inversão, passemos aos recursos imagéticos. A observação das imagens permite associá-las às referências que o ilustrador Nelson Cruz invoca para o livro. Verifica-se que ele tem como base referencial a mesma ideia do ilustrador Roger Mello, conforme a edição de *Fita Verde no Cabelo* (2008) utilizada para este trabalho. Nela, o lobo é um ser antropomórfico e representa a morte: está de pé, tem o corpo magro, veste calças e carrega uma foice. A semi transformação do lobo possibilita pensar esse personagem como uma metáfora de homem, numa linha de interpretação que se caminha à análise psicanalítica do texto, conforme Bruno Bettelheim estuda em sua obra *A psicanálise dos contos de fadas* (2002).

Em *Sagatrissuinorana* (2021) o lobo também assume a mesma posição de ficar em pé, uma postura humana, para correr e parecer maior, provocando medo nos três porquinhos (vide figura 3).

Figura 3: Montagem com ilustrações dos lobos de *Fita Verde no Cabelo* (2008) (esquerda) e *Sagatrissuinorana* (2021) (direita)



Fonte: Rosa; Mello (2008) e Guimarães; Cruz (2021)

Essa forma de antropomorfização em *Sagatrisuinorana* (2021) é muito importante, haja vista que se constituirá de uma inversão do conto original não só porque o lobo deixará de ser o vilão da trama, como pelo fato de que haverá um mal maior que ele, cuja voracidade é capaz de destruir tudo e todos. Lobo e porquinhos acabarão sob a mesma tempestade provocada pela mineração e estarão dentro do mesmo barco, todos sucumbindo sob o mar de lama. A força e a agilidade assumidas pela postura de *homo erectus*, o que lhe possibilitaria andar, correr e se deslocar pela paisagem, não é um atributo que o qualifica diante de uma força maior, a da exploração mineradora. Instaure-se — na cena verbal e imagética — o interdiscurso factual, do registro de algo deveras acontecido, o colapso das barragens de mineração, e estético, da trama do “recontado à vera” (Guimarães; Cruz; 2021).

Antes algoz, o lobo será nivelado aos porquinhos, e todos acabam por correr para longe da lama, uma tentativa inútil de fuga, quando a narrativa assume tom de um pavor insuportável, configurado por duas estratégias. A primeira delas, a reafirmação do entendimento de Riobaldo sobre a existência do demônio, misturada ao entendimento da morte por Fita-Verde, evidente na seguinte passagem:

– “porque diabo não há.

Existe é ruindade humana.

Travessia.

E a lama trespassou o vale, no meio do redemunho,
mastigando, banguela, com suas gengivas de terra,
o tão frágil e breve corpo”

(Guimarães; Cruz (2021)).

A segunda, a explicitação desse diálogo intra roseano, materializado da justaposição de palavras em “delobodeporcodecasadetudo” (Guimarães; Cruz, 2021), ilustrado pela imagem (Figura 4) em que a lama que devora lobo e porquinhos, antes iludidos nos papéis de algoz e vítima-herói, agora todos vítimas de um único algoz, a mineração, sem inclusive nenhuma chance de cometerem atos heróicos.

Figura 4: delobodeporcodecasadetudo



Fonte: Guimarães; Cruz (2021).

Explorar algumas intertextualidades presentes no livro de João Luiz Guimarães e Nelson Cruz em sua composição verbo-visual nos permite compreender que é possível abordar temas importantes na literatura infantil tratados esteticamente, e que essas obras apresentam vasta fonte de ideias que podem ser exploradas de formas diversas nas mais variadas idades, conforme Rildon Cosson afirma:

Atualmente, as obras literárias endereçadas às crianças se ocupam das mais diversas temáticas, adotam diferentes materialidades para seus suportes e incorporam inovações artísticas e tecnológicas que atravessam as fronteiras entre a escrita e a tela. O resultado são obras que apresentam tal riqueza de elementos criativos e sofisticação textual que podem ser lidas em diversos níveis, desafiando a perspectiva ingênua de que o endereçamento às crianças não exige um trabalho complexo de elaboração literária. (Cosson, 2022, p. 24).

A fala de Cosson exemplifica bem o que a obra *Sagatrissuinorana* (2021) possibilita para a formação leitora não só para as crianças, mas para adolescentes, processo para o qual a mediação do professor importa. A elaboração cuidadosa dessa obra literária, fomenta discussões sobre as tragédias-crimes realizadas pelas mineradoras que provocam rompimentos de barragens e a percepção metalinguística da estética por meio da conjugação palavra-imagem, o que incentiva a ação do professor na formação

do leitor em diversas faixas etárias. A gama de recursos estéticos permite a ele escolher quais seriam os adequados para determinado grupo, atentando para a história que as ilustrações contam; a história que a linguagem verbal conta; a história que o entrelaçamento entre as duas linguagens conta; as possibilidades interpretativas que as obras referenciadas permitem; a relação entre acontecimentos históricos e a construção 'fingida' da trama; enfim, a conjugação de todos os elementos que se alinhavam na totalidade da obra.

Trata-se de material literário que possibilita ao professor contribuir para a formação de um leitor que se atenta ao contexto e ao texto em sua condição estética.

Pode-se considerar que há obras literárias, como essa em análise, que têm requerido maior elaboração e cuidado dos escritores, para que as crianças desenvolvam desde cedo o gosto pela leitura, abordando perspectivas que, diferentemente do *Conta pra Mim*, suscitem desenvolvimento de habilidades leitoras e o entrosamento entre escola, em sua função formativa, e alunos.

Como (des)formar leitores e a ilustração no programa Conta pra Mim

Como vimos, a construção das imagens da obra *Sagatrisuinorana* (2021), por Nelson Cruz, é importante para a contação da história, pois elas fazem parte do desenvolvimento da trama. O leitor é capaz de interpretar, por meio delas e da sua relação com a linguagem verbal, sendo estimulado em sua capacidade criativa e imaginativa.

De acordo com Celia Abicalil e Milene Chalfun,

Em relação às imagens, e especialmente ao livro de imagem, devem-se levar em conta as escolhas imagéticas e o modo em que a sequência de imagens se apresenta. Assim, assumem-se as características do discurso verbal para a elaboração do discurso visual (Abicalil; Chalfun, 2022, p. 74).

As ilustrações de Cruz refletem as falas das autoras, pois têm um andamento autônomo e se articulam à estética verbal, ajudando nos conta/

reconta possíveis. Elas ultrapassam a ideia de que os desenhos devam ilustrar o enredo, pois constituem material narrativo entrecruzado à trama verbal. Além disso, surpreende o leitor quando, em leitura atenta, ao passar as páginas, percebe junto com um dos três porquinhos a chegada do lobo que, nas primeiras páginas, permanece escondido atrás das rochas e aos poucos vai aparecendo. O mesmo ocorre com a representação do rompimento das barragens que acontece concomitantemente, porém ao fundo, na paisagem, enquanto o leitor está disperso com a história em primeiro plano. Só aos poucos, e para surpresa dos personagens e do leitor, a onda de lama chega, mudando a vida dos personagens e o horizonte.

Comparada à obra *Sagatrissuïnorana* (2021) e os livros postados no programa *Conta pra Mim*, ficam visíveis as diferenças com os cuidados relacionados às ilustrações e o descaso quanto à importância que estas representam para o estímulo à formação da criança. Como apresentado na seção anterior, as imagens, além de contarem histórias, colaboram para a imaginação dos leitores e despertam a atenção, gerando sensibilidade. Por meio de *Sagatrissuïnorana* (2021), os leitores são levados a experiências sentimentais de apreensão com a chegada do Lobo; curiosidade para saber se os três porquinhos escapariam de serem devorados; medo com o que pode ocorrer ao longo da história; tristeza e indignação ante o fim trágico.

Como afirma Fernando Ferreira *et al*,

A contribuição da ilustração para o crescimento da literatura infantil foi fundamental, pois a partir das imagens presentes nas obras, o pequeno leitor tem a oportunidade de interagir, observar formas, contextualizar informações presentes tanto no texto escrito quanto no visual e conseqüentemente ter uma melhor compreensão, pois sabemos que a criança é estimulada pelas imagens, um texto onde prevalece somente a leitura escrita certamente não produz o mesmo interesse na criança, quanto aquele que apresenta as personagens, as paisagens. (Ferreira *et al*, 2012, p.16)

Entretanto, diferente do que afirmam os autores, pais e crianças — públicos-alvo do programa — são bombardeados por imagens que não contêm recursos estimuladores. Nada há que promova o exercício da autonomia para acompanhar as sequências de imagens apresentadas, compreender e recriar a história que está sendo narrada.

Analisando as imagens de capas das histórias de ficção com princesas, observamos que as personagens principais se replicam, segurando o vestido e tendo a mesma postura física: movimento dos braços, mãos e pés; ondulação e cor dos cabelos. Trocadas, as imagens não provocariam espanto, talvez a alteração sequer fosse notada.

O mesmo ocorre com as ilustrações de *Os três Porquinhos* do programa *Conta pra Mim*. Os porquinhos pouco se diferem nas características sendo reconhecidos apenas pelas vestimentas. Ao compararmos a capa elaborada pelo *Conta pra Mim* com a de *Sagatrissuinorana* (2021) observa-se a falta de elementos e detalhes que ajudariam a estimular a curiosidade do leitor para o que a obra irá contar. Enquanto a primeira capa explora a paisagem já dando indícios do estouro da barragem e utiliza-se da figura do porquinho para reafirmar que o livro é um conto, a segunda coloca em evidência apenas os porquinhos dando pouco destaque para a paisagem e sem elaborar tantos os traços dos desenhos, apresentando um horizonte genérico com uma árvore e algumas florezinhas para remeter à floresta – cenário onde toda a história ocorre.

Figuras 5: Montagem com as Capas dos livros *Sagatrissuinorana* (2021) e *Os três Porquinhos* do programa *Conta pra Mim*



Fonte: Guimarães, Cruz (2021); Programa Conta pra Mim (2020)

Adentrando nas análises sobre *Os três Porquinhos*, ao acompanharmos apenas as sequências imagéticas, não é possível seguir o trajeto proposto pelo enredo, uma vez que as ilustrações só fazem sentido sobrepostas à parte escrita. A título de ilustrar a afirmação, apresentamos a sequência da parte final da história em que vimos o lobo soprando a casa de tijolos. Em seguida, ele aparece misteriosamente no telhado. Por fim, a última imagem registra os três porquinhos se abraçando, sem que o leitor saiba o que de fato ocorreu com o lobo.

Figura 6: Sequência de imagem do livro
Os três porquinhos do programa Conta pra Mim.



Fonte: Programa Conta pra Mim, p. 12-14, 2020.

A sequência acima comprova a dificuldade que uma criança em processo de letramento — e/ou considerando pais não alfabetizados — teria em lidar com a história. A (re) criação estaria comprometida.

Ainda sob a perspectiva imagética, novamente o programa do Ministério da Educação apresenta ilustrações que, em sequência, não colaboram para o desenvolvimento do imaginário, impedindo refabulação quando contada separadamente. A exemplo, a representação das casas de palha e de madeira (páginas 3 e 4) que pouco diferem entre si. Não existem mudanças nos formatos e nas texturas — há leves distinções no telhado, mas que passam despercebidas — e os tons amarronzados utilizados para colorir as duas casas passam para o leitor a sensação de que ambas foram construídas do mesmo material (madeira). Caso seja retirado o segmento verbal, o leitor é induzido a pensar que ambas as cenas registram o mesmo personagem com roupas diferentes, o que se acentua pelo fato de que a

paisagem não indica que os porquinhos moram afastados: são as mesmas montanhas e a grama verde.

Figura 7: Montagem com ilustrações das casas de palha e de madeira construídas pelos porquinhos



Fonte: Programa Conta pra Mim, p. 4-5, 2020.

Se afirmamos que a ilustração é importante para o desenvolvimento cognitivo e que auxilia na percepção de formas, encontramos no programa do Ministério da Educação a falta de estímulos nesses aspectos. Ainda que as imagens possam chamar atenção por suas cores vivas e chamativas, parecemos difícil que a criança mantenha interesse. Por não conseguir visualizar uma sequência lógica, ela apenas observaria imagens sem um lastro vivo entre si e em diálogo com a trama verbalmente construída.

A versão de *Os três porquinhos* em estudo é uma adaptação exígua da história escrita por Joseph Jacobs ou de versões em que o lobo não é bem-sucedido em nenhuma de suas proposições, pois retira partes essenciais para a narração da história, deixando apenas uma visão geral que pouco explora a trama. A exemplo, a esperteza do terceiro porquinho de criar estratégias para fugir dos planos do lobo é retirada, eliminando a sensação de suspense e a expectativa de sucesso. Nas versões tradicionais, sua maturidade, esperteza e inteligência o levam a ser o herói que acaba cozinhando e comendo o lobo, e nada disso se verifica na sequência de

página. Chama a atenção especialmente o final da narrativa. Na versão do *Conta pra Mim*, os três porquinhos ficam felizes, juntos, festejando a vitória sobre o lobo, apesar de as casas mais frágeis terem sido destruídas pelo sopro do vilão, conforme versões mais amenizadoras. Segundo a versão do australiano, também as casas mais frágeis foram destruídas, mas seus donos foram comidos pelo lobo, em consequência de terem realizado um trabalho mal feito, como um castigo. Trata-se de um moralismo por meio de uma alta penalização dos mais fracos e menos ajuizados: pagar a imaturidade e a engraçada preguiça com a morte é pena cruel. No caso da versão em estudo, embora a crueldade não seja exposta, a moral da história contra os mais fracos e menos ajuizados permanece.

As cenas excluídas pelo *Conta pra Mim* excluem concomitantemente do leitor os sentimentos de apreensão e surpresa, além de moralizar a lição dada ao final da história. No conto original entende-se que é necessário ser esperto e bom trabalhador para sobreviver, já a adaptação mostra que isso não é tão importante se existe alguém para assumir as responsabilidades. Agrava o problema o moralismo nessa modificação da cena final, elegendo a culpabilização como valor universal em detrimento de outros.

Considerações finais

Quando se pensa na formação de um leitor, é preciso que se leve em conta a adequação da obra a esse objetivo. Neste trabalho, refletimos acerca da estética de duas obras, *Sagatrissuinorana* (2021) de João Luiz Guimarães e Nelson Cruz, coautores na relação palavra-imagem, e *Os três Porquinhos*, versão posta no programa *Conta pra Mim*.

A configuração das duas obras na sua relação com um público em formação leitora nos permitiu refletir acerca de uma intenção formativa que delas emanasse. A primeira envolve o leitor num entranhado jogo entre imagem e palavra, exigindo, um adentrar nos “bosques da ficção” (Umberto Eco, 1994) acoplado a uma sensibilidade intensa diante da realidade ali denunciada esteticamente. A segunda coloca a linguagem sob controle, marionetizando a construção da trama e consequentemente do leitor para uma concepção de crime e castigo em nível infantil.

O papel do professor como leitor primeiro, que compreende as exigências próprias de cada obra para que a tome ou não como objeto de ensino e aprendizagem, fundamenta o percurso de comparação entre as duas obras. Fizemos um levantamento de algumas linhas de força para o acesso ao fazer literário como parte de um processo necessário ao trabalho do professor e que lhe permite a seleção de obras e a mediação da leitura. A apropriação tanto de *Sagatrissuinorana* (2021) quanto de *Os três Porquinhos* na versão do *Conta pra Mim* exige a lida com linguagem e com modos de construção singulares. Isso significa que ensinar a ler literatura pressupõe compreender o fazer literário, o que se dá na investigação do texto acoplada aos consequentes efeitos de sentido. Esse é um exercício de formação leitora que se replicará na sala de aula, levando em conta autor-obra-leitor.

Como evidenciamos, as obras apresentam aspectos que diferem entre si. Em *Sagatrissuinorana* (2021) o autor João Luiz Guimarães e o ilustrador Nelson Cruz compõem aspectos que promovem a liberdade de contar e recontar a história através da linguagem escrita, das imagens apresentadas, numa relação inusitada, provocativa, sensibilizadora, buscando a adesão do leitor para a reconstrução da realidade de forma estética.

Percebemos que existe um cuidado para que a história seja percebida em seu desdobramento de histórias, abordando um assunto forte, transformado em tema sensível, de forma que pessoas de diferentes idades possam lidar e abordar discussões importantes sobre os estouros das barragens e quais impactos esses acontecimentos causaram tanto para as pessoas que sofreram e sofrem as consequências ainda hoje, tanto para os estragos ambientais irreparáveis. Literatura premiada como produção para o público infantil, a obra finca pé nesse público e ainda nele próprio se prolifera pela vida afora, haja vista sua riqueza de formas.

Sob a ótica da sala de aula, diversos são os planos que podem ser elaborados pensando no processo formativo que *Sagatrissuinorana*(2021) propicia, em movimentos de ir e vir, conforme as faixas etárias do estudante forem se perfazendo, com as leituras das obras de Guimarães Rosa e de contos tradicionais, por exemplo, para, enfim, entrever as intertextualidades nela presentes. A quem serve essa literatura, senão a leitores diversos, em movimentos de leitura e releitura, em um aprendizado constante?

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *Conta pra Mim: Guia de literacia familiar*. Brasília: MEC, SEALF, 2019. Disponível em: <https://alfabetizacao.mec.gov.br/contapramim>. Acesso em: 10 de maio de 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. *Os três porquinhos*. Ministério da Educação (org.). Secretaria de Alfabetização (coord.). Brasília: MEC, SEALF, 2020.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e Terra, 2002

BELMIRO, Célia Abicalil; CHALFUM, Milene. Ver, contar, dizer: o que está em jogo na leitura de imagens? In: PINHEIRO, Marta Passos; LOPES, Vera (org.). *Literatura e concepções no Conta pra Mim: o que dizem os pesquisadores?* Belo Horizonte: Editora PUC Minas. E-book. Disponível em: <https://editora.pucminas.br/obra/literatura-e-concepcoes-teoricas-no-counta-pra-mim-o-que-dizem-os-pesquisadores>. Acesso em: 10 de maio de 2024

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2020.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naify, 2010

JACOB, Joseph. *Os três porquinhos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. E-book

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

MOBRICE, I. A. S. Encantamentos e delícias: a criança em contato com a literatura infantil. *Leitura: teoria & prática*. Campinas, ano 9, n. 15, p. 44 – 46, jun. 1990.

PANTOJA, Fernando Ferreira; MIRANDA, Josciléia Barbosa; GONÇALVES, Shirlene dos Santos; GONÇALVES, Valdenice Souza. *A ilustração dos livros infantis: um recurso essencial na formação do leitor*. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unifap.br/jspui/handle/123456789/952>. Acesso em: 15 de abril de 2024.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores na escrivantina*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

PINHEIRO, Marta Passos; LOPES, Vera (org.). *Literatura e concepções no Conta pra Mim: o que dizem os pesquisadores?* Belo Horizonte: Editora PUC Minas. E-book. Disponível em: <https://editora.pucminas.br/obra/literatura-e-concepcoes-teoricas-no-counta-para-mim-o-que-dizem-os-pesquisadores>. Acesso em: 10 de maio de 2024.

ROSA, João Guimarães. *Fita verde no cabelo*, nova velha estória. Ilustrações de Roger Mello. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira. 2001.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.